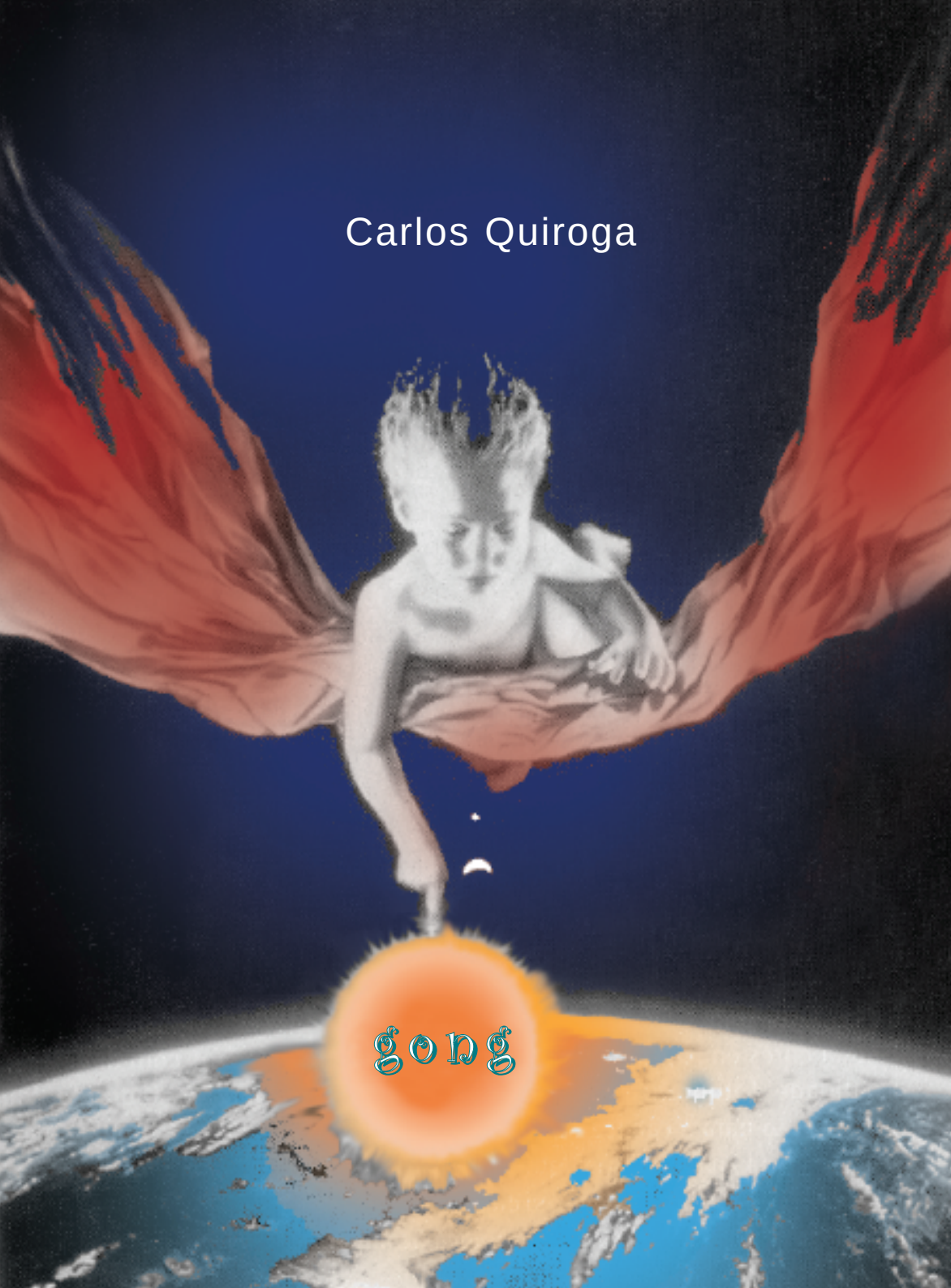


Carlos Quiroga



Acabados de sair da Tabacaria,
guias-nos aos cento quinze degraus
do teu minarete e pedes para desde ali
olhar. Que bom este apetrecho e esta
pedrada que aí vai dar na superfície do
espelho posmoderno; virado como estás
para o ofício de engenheiro destas pontes
que transitamos, é delícia passeá-las sem
ter Mickey na lapela nem ouvir a última
metáfora maneirista do menino poeta de
primeira comunhão, tam provocador e
obsceno ele, literato tam bem-comportado,
fartinhos que estamos de falsas
poesias-ong. Gong, dis tu, e vam procurar
o G onde puderem.

Nom está frio aqui o minarete; nom é
de marfim, é verdade. Já alguém poderá
exclamar agüente o semi-imortal poeta
porque eu som também general triunfante
entrando em Roma; e obrigado ao poeta
por me ter feito general desta assembleia
de generais.

E que incorrecto és, às vezes, Caro
Carlos. Imagino-te imaginando o teu
bagaceiro a gostar deste teu papel de
quinto ginete in gente. Terá graça ver
a crítica saber que fai agora contigo, tam
pouco és do nosso tempo único, tendo que
recorrer às, claro, claro, esperáveis
influências que nem saberá encastrar, até
aí aliviada, e depois, já surpreendida e
inerte por mosqueteiros e damas, e pola
vida, por tanta vida cincelada estragando







mais de
20 poemas globais
e u m p o s f á c i o e s p e r a n ç a d o

C a r l o s Q u i r o g a

2 0 0 7

1ª edição da Fundação Artábria, 1999.

2ª edição digital, 2007.

texto, diagramação e fotos de Carlos Quiroga

livro libertado de direitos de autor

 FEROS POEMAS DE SITUAÇOM	13	neurona.....	70
rosa tintando amarelo o café azul.....	17	dias.....	71
o sémen dos dragões no vazio.....	19	enigmas.....	72
amarar amarantes nos amantes.....	21	diaporese.....	73
córrego dantesco em seco.....	23	parábola.....	74
100, flechas sem alvo.....	25	susana.....	75
atado ao altar de altair.....	29		
fecho de facas no céu de chile.....	33	 E ANDAM ANJOS ESCUROS	
 CÓDIGO PENAL	39	NO EMPÍREO	77
nada.....	43	anjo escuro.....	81
encostado ao kutikaka 1.....	44	ferrol.....	82
esplendor de bilhete-postal.....	45	cartazes.....	83
honda dominator.....	46	desabitado.....	84
encostado ao kutikaka 2.....	47	compostela.....	85
fulgor e opacidade.....	48	plurais.....	86
minarete sul.....	49	revisitaçom.....	89
paisagem de sede.....	51	 DELÍCIAS DE MURRO	91
raia no coração.....	52	adolfo.....	95
festejo.....	53	super-mário 3.....	96
tu dança.....	54	salvador.....	97
o vinho da tinta.....	55	juanim.....	98
attikismós.....	56	camilo.....	99
certezas.....	57	amélia.....	100
goles de golos.....	58	eládio.....	101
oriental 2.....	59	paco.....	102
insónia de stukas pretos.....	60	m ^a eulália.....	103
passagem.....	61	directora.....	104
minarete norte.....	62	vicente.....	105
paisagem de seda.....	64	vázquez.....	106
latido.....	65	taboada.....	107
oraçom.....	66	hermínia.....	108
harakiri.....	67	perilhas.....	109
dormir.....	68		
tapete escaldante.....	69	 PARA UM PREFÁCIO GLOBAL	111

Para os mosqueteiros do bairro, Adriano, Carlos e André.

Para as damas do Alto do Alhe, Xandra e Aldara.

*E para as crianças e adultos que tentam sobreviver
desintegrados de espaço ou de alma.*

**“Nós, de verdade, unicamente temos
a palavra...”**

MANUEL MARIA

poemas
de feroz
situaçom





rosa tintando amarelo o café azul

Sento fora
e aguardo por rosa
até que os turistas correm
e se refugiam
até que o rosa da tarde
contorna uma nuvem
e cai chuva
no meu café
até que o esfria
e se desborda
e se aclara
de maneira que aparece
a imagem ausente do fundo

A imagem ausente do fundo
na chávena branca
que é velha e gasta
e que nom tem um homem
com barba longa
em china, diante dum pavilhom chinês
sob a chuva, uma chuva torrencial
que teria coalhado
em raias
sobre a fachada batida polo vento
e no rosto do homem
que nom me mira
porque está ausente em dinamarca
no fundo da chávena branca

Sob o café o açúcar
que é uma lente efémera
entre o café e o gasto esmalte

e sob o gasto esmalte
os olhos ausentes
como em china, na porcelana da chávena
a chávena que lentamente se esvazia de café
preenchida pola chuva
chuva clara, a chuva de primavera
contornada polo rosa
tilinta na colher
saltita da chávena para o pires
e vai tintando de amarelo a mesa
a mesa tintada de amarelo
e o chao e as plantas
à porta do café azul

Do outro lado da rua os cristais
das casas de pedra
os cristais do dinheiro de cristal
espelhos de porcelana gasta
tintados de amarelo
reflectindo a mesa
e o chao e as plantas
e a porta do café azul
com um empregado chinês às minhas costas
que olha paciente a chuva
e espera que lhe pague o café
que nom tomo porque nom é café
porque está cheia agora a chávena
de algo amarelamente transparente
aguardando pola rosa da tarde
que se instale de novo no céu e no líquido

Mas rosa nom vem
e as minhas roupas ficaram tintadas de húmidos brilhos



o sémen dos dragões no vazio

Preparam a fogueira
na esplanada das traseiras
para o ritual do fogo
acarretam madeiras
com fatos de treino
os vizinhos de galeras
que cortaram as plantas
e colocaram as luzes
que trabalham quase sérios
até cair a tarde
até chegar a noite
a noite de s. joám

Chega o solpor
com sardinhas
música foleira
e acendem-se os fogos
sob a minha janela, e os dragões
que antigamente voavam polos ares
neste dia que nasce
numa noite de brilhos
excitam-se para a voluptuosidade
por causa do tempo quente
e deixam cair o sémen
no vazio

Mas o sémen dos dragões no vazio
já nom causa mínima mortandade
como antigamente
nem no bairro de galeras
nem na cidade das arcadas
nem na terra toda
porque queimam-se restos
de animais mortos
de sardinhas
e vitelas
e o fumo dos restos afugenta-os
como antigamente

Da minha janela
respiro o cheiro
e a música tremendamente foleira
entre o fragor das vozes
os foguetes dos miúdos
e vejo entrar no grupo
o gaiteiro com jeans
que começa a tocar uma peça
tremendamente desafinada
foleira como o quadro
em que creio estar deitando
este sémen no vazio

Coitados dos dragões
que já nom existem para os vizinhos de galeras



amarar amarantes nos amantes

Guiando sonambólico
com as flores pequenas
coloridas de amarelo-gualdo
um amarelo-talvez-ouro
de amante para amante
mas sem nada de pau-roxo da amazónia
nada de sempre-vivas
para o nosso amar amarescente
para um amar amarelento

Como o amar é lento
quando sobes
tardamos em falar, nom em gritar
e mandas-me que sinta e eu vou sentindo
no carro polo meio da noite húmida
numa alucinação sentindo
às vezes distraído e traído
da velocidade que leva o carro
ao chegar à curva

Esta cidade de compostela é feita
toda uma curva e sinto
que volto ao mesmo lugar
até sentir o mesmo que já sentim
até ouvir-me iguais palavras
saindo de mim e voltando dentro bem dentro
até notar os órgãos trocados
tu com a minha cabeça
encomendando-me o teu coração
que deve sentir

o teu coração no meu peito
que vai e vem pendular sentindo
ora um alívio, ora um peso
os dous enormes como o teu coração
agolpado agora na boca, a boca cheia de ansiedade
e entom reparo que tenho boca, parada ante o semáforo
e que levo ainda a cabeça
e afinal deve ser ela que sente
porque afinal nada trocámos a sério

Miro-te e sinto
que nom somos gregos
uma tortura por deixar-te de preto
contra a porta do feio prédio sem amarantos
e afastar-me com propósitos de afastar-nos
para eu algemar-me às algemas
de antes de tu algemar-me
e uma outra tortura por sentir-me
menos algemado
pior algemado
deixo-te
e um alívio-peso ofegante insatisfatório
porque afinal nada trocámos a sério
nem órgãos nem algo fútil como as flores, a vida
que me mandavas sentir
e mesmo sem mandar iria sentindo
como sinto
que nenguma metáfora por caridade
me tira a cabeça

E mal vou tolerando o hidraviom de flores
que amarou em seco na sombra de lágrima no banco traseiro



córrego dantesco em seco

Passo com febre
a tarde no quarto dum hotel
duma cidade longínqua
olhando um rio
remoto e breve, mas ruidoso o rio
na fondura dos penhascos
de nome corgo o rio
que é sincopado de córrego
que é riacho ou sulco
que entom nom é nome de nada

Passo com febre
a tarde num quarto inteligente
lembrando um córrego do ouro
lembrando um córrego danta
que deve haver no brasil
que já som nomes de algo
que nom sincopam a febre
sobre os papéis que devo ler
sobre as frases que nom ensaio
para a conferência que devo dar

Disponho as frases
que nom direi

e a roupa que voltará à mala
trato de tomar banho, dormir
mas nom sei se só quero ou faço, porque esqueço
e passo a passear polo quarto
a olhar o rio no abismo e o abismo na TV
passo do suor ao frio, ao medo
e passo a escaiola branca com metacarpiano roto
(esquecia esse pormenor pungente)
polos lençóis azuis
sem achar um corpo

Acordo
adormeço
sem mexer-me
no meio do silêncio absoluto da vidraça fechada
e passo desesperado e com febre
esta tarde
sentindo no ífimo cérebro
que toda a inteligência da cena está no quarto
que só a estanqueidade dos vidros está certa
para as águas e luzes automáticas
para o rio dantesco que por ele corre
em seco e sobre mim

Passo mal mas aprendo
a valorizar o outro rio e aquilo que a vidraça deixa fora

8.Abril.96



100, flechas sem alvo

Retomo o trabalho
de computador e cérebro
no ponto estonteante de cem itens completar
ou tentativa de acertar no penoso teste
ensaio gasto do dever
suave masoquismo a perdurar
em anos de treino
em esforçadas variações
sem nunca atingir nem apenas
o contorno do alvo

É legítimo pensar, penso
que o mestre arqueiro maneja como maneja
o arco e a seta
por causa dos anos de treino
e a sua forma tam instintiva
e a sua forma tam segura e sonambólica
de mesmo sem fazer pontaria consciente acertar
é porque tem de acertar
é porque puxa na seta a gravidade natural
do centro do alvo

Sento na almofada provisória
da ensonhaçom que invoca um mestre
e imagino-lhe a resposta silenciosa servindo o chá
após um tempo interminável sem palavras
sem mais ouvir-se que o borbulhar da água que ferve
na chaleira
o som do carvom incandescente
e admiro-me de sentir o mestre vivo que se ergue
e faz sinal para segui-lo
ao pavilhom de treino

O mestre pede-me para cravar na areia
a vela delgada como agulha de tricotar
diante do alvo, ponhamos a sessenta metros
sem acender a luz no pavilhom
um pavilhom escuro e sem contornos
a nom ser a minúscula centelha
da vela que dá só para adivinhar
e entom o mestre dança a cerimónia
e atira duas setas da claridade radiosa
para a noite profunda

Acaso sem acender a luz
o som dos impactos nom afirma que atingiu?
acaso o meu espanto nom vai descobrir
a primeira seta no centro?
a segunda entrando pola ranhura da primeira?
abrindo-lhe uma fenda ao comprido
antes de se cravar ao lado no centro?

e acaso o mestre nom vai assegurar
que ele nom atirou
mas que algo atirou e algo acertou?

Volto paciente ao trabalho
e treino-me
na arte do meu arco
esquecido do alvo, de mim
sem pensar ou pensando
só como a chuva que cai fora do céu
ou como pensa a folhagem verde
rebentando húmida à chuva
até ao ponto de esquecer o pavilhão do écran
e os dedos nas letras
até ao ponto de saber sem pensar tudo ligado, tudo

Porque nada importa acertar, mas como acerte
esquecido de mim próprio e livre de intenção



atado ao altar de altair

A casa isolada
os seres que dormem
o canto dos grilos
e os meus olhos em brasa apanhando
a poeira de estrelas
na ogiva de sombra
da noite redonda de escairom
por dentro como cratera imensa
pousada sobre o frescor do relvado

Vega no zénite
a 26 anos-luz
a mais brilhante da lira
e o azul esbranquiçado de deneb, cauda do cisne
desenhando a cruz do norte
supergemendo gigante a 1800 anos de mim
e ainda o mesmo azul em altair
só a 17 na águia
tam perto (nos livros que depois me explicaram)

Gosto de deneb
e do seu nome árabe

que dá em cauda do cisne
e da sua história grega
que via zeus disfarçado
para seduzir a espartana
e até gosto dos castor e pólux gémeos
que de leda teve
e que com ele estão

Gosto de deneb nos livros
mas fico por perto no relvado
sacando-me as brasas dos olhos e deixando-as solene
no altar de altair
que também é árabe
e vai agradecer antes
e por se me der resposta aos assombros
perguntas sobre o futuro, se é que estrelas sabem
e que nom sei formular

No interior da casa o presente
cálido e a cozinha
e aqui fora o sem-tempo estranho
deslumbrante e fresco
de julho e sem motivo
quando toda a gente dorme
e eu nom podo, o incómodo
de sentir-se tonto iluminado
nada que fazer com os dedos, com a vida

Manto de lentejoulas para disfarce
como um zeus em cisne
do nu presente curvo que me ofereço
cheio de sombras e inevitavelmente usado
porque no desenho do altar de altair
o meu dígito atado já leva séculos inscrito
e ainda estará depois
que o meu brilho efêmero se extinga, e antes
que alguém leia estas palavras

Olhando o céu compreendo
apenas os homens
que precisam deuses
porque não percebem
porque caminham no asterismo das estrelas
constelações de sonhos
magnitudes aparentes
de asas abertas para o vazio celeste
em que não me encontro

Olhando o céu encontro-me
ridículo se alguém souber que olho, sem mais saber



fecho de facas no céu de chile

Vou à janela
apanho fresco
quatro horas
a noite alta
compostela em julho
o pentágono mudo
e o pátio como nunca se viu
a qualquer hora
de todos os anos
sempre com voz
nem uma luz
nem uma música
incidental no deserto
pátio gigante
por riba os telhados
do noveno o brilho
da lua pressentida
branca de verao
para ana que dorme
no quarto pressentido

Ela que talvez dorme
nem sabe resplandores
de luas e brilhos
nem me sabe à janela
nem ninguém me sabe

como nem eu me sei
por parecer-me que parece
tudo irreal
como a cidade fora
promontório de espelhos
porque ela sempre abandona
o meu desespero
entre desfiladeiros opacos
sob o céu de chile
em dias como hoje
e nom devo culpá-la
por deixar-me só
só devia inclinar-me
aos seus pés e (talvez dormida) beijá-la
por nom querer salvar-me

Ninguém pode
nem mesmo ela
pode, deve salvar-me
de mim
do destino
do medo de olhar para o pátio
que dentro levo
de nunca achar fundamento
para crer sem um riso
porque as maos están vazias
e os pés cansados
e há uma tristeza infinita
no ar
que a ninguém interessa

Gostava de gostar
de saber contar anedotas

às mesas dos cafés
gastar a grana
que aos poucos possuía
com acertada originalidade
e nunca debruçar às janelas
como estúpido
nos oitenta escutando
o concretismo dos ruídos
agora domésticos fora de horas
e longínquos automóveis
apressados com gente
e festa presentida

À janela
presentindo só
nem na festa nem dormindo
este 25 de pátria
estupidamente sem frátia
à janela
escrevendo com os olhos
em tempo de pátria só presentida mátria
e sempre suspeita
mesmo eu talvez suspeito
para os agentes de ruído
que aqui podem encenar-me
como num teatro clandestino
no pátio do coração

O único actor histriónico
a-pátrida monólogo sem público
no palco rectangular projectado
enorme e leitoso no pátio
e alguma tosse nalgum lugar ecoando

talvez doutro patriota martirizado
(pola cerveja apenas)
eu apenas
na luz efémera da comédia
que remata sem brilho para ele, para mim
que nunca o tiveram
nem para ana apenas, a que me crê nas nuvens
as que eu sempre olhei desde o palco apenas
do rés-do-chão entre paredes

Eu apenas
terra escura e quase erma
em que rara semente e água param
vendo a luz que vai alta
e desenha cúmulos como suspiros
sem testemunhas para este lamento
que posso romper patrioticamente

O único gesto tal
do dia habilitado para excessos
que daria a compaixom que concedem
aos tontos das nuvens
e ao menos ficaria a compaixom
horrível

Mas é que eu até tenho
uma vida tangível
e por resolver assuntos que aguardam
até sei fazer algumas cousas
bem
e há quem conte comigo

Deuses, há quem conte comigo

e isso
parece como que salva
até das nuvens
e redime
até de nom ter pátrias

Se daí me vem a cordura inquestionável
que me é atribuída
se da alheia esperança me vem
o escasso alívio
que poda ter
mas nom tenho

Enquanto existam nuvens
sobre o céu de chile
e cordura de música incidental por baixo
estes olhos están salvos
em olhá-las só
e suspirar apenas

Até um suspiro
sem testemunhas
cortado polas asas dos aviões
ao atravessar as nuvens com perfil de faca
é legítimo
para a cordura mais duvidosa

Só que nesta noite já nom há nuvens por cima
nem aviões, apenas facas com perfil de céu em chile

código **penal**

gong
carlos quiroga





nada

Transitei as horas do dia como um tonto
premeditando o gesto transcendente que me havia de salvar
mas as horas passavam
e eu percebia a sua inutilidade em cada cigarro

Ao menos na estação existem comboios
e das horas tediosas no cais
sempre se é uma vítima inocente

Transitei a culpa conscientemente, sem valor para suicídios
como uma véspera de nada, lembrando
o cheiro a linimento das tardes de domingo, tam inúteis também
como esses passatempos que inventam
para homens cansados de viver

Talvez ainda sem caminhos de ferro chegue um comboio
e eu sinta na pele a alegria da inocência...



encostado ao kutikaka 1

Olham-me os olhos do céu olhá-lo desnortado
num prolongado pensamento de bússola rota
veem como me vejo desconhecendo trilhos da alma
e sentem-me sentindo que desacredito no divino todo

Olham-me os rostos da terra toda encolhido pola noite
na incerteza do caminho andado por uma vida gasta
sabem que nada sei de metas a que levam os pés
leem como me escrevo abominando prémios

Olham-me todos os Brahmans todos os seres cousas todas
que me querem ler nos lábios a vontade de sentar cara a cara
e de ninguém quero querer promessas nem pedidos de treino
nom quero a sua liberdade, quero libertar-me apenas

E se houver uma deusa longínqua como a lua que avolume
a tolerância mental como os oceanos, só ela receba sem fé
este uivo e me liberte, apenas, de mim...



esplendor de bilhete-postal

Nas maos no leito às altas horas
por segunda vez neste dia triste
como uma bala a cores e riso fácil
para o álbum bélico das minhas sedes

Aplico sextantes e armo-te em desejos
no cálculo impossível de ver-te no sol da escrita
mas estilhaça-me o horizonte de imaginar-te
e nem o pó da alma me fica salvo

O teu bilhete-postal sabe a água pintada
num deserto efectivo em estado de sítio



honda dominator

Cai oblíquo o sol e eu tuaregue escruto a linha
onde só areia areia e areia se definha contra o céu
cá de ferro o meu cavalo entre as pernas quente
só intui Tumbuctu e as suas mulheres hospitaleiras

Sopra leve a brisa do deserto e eu tuaregue olho atrás
o espelhismo estreito da caravana com fino branco sal
várias dúzias de camelos vam nas dunas fileira lenta
corda a corda a corda unidas curvas côncavas em nó

Descansa plácido o motor e eu tuaregue que me encosto
contra as grandes bolsas detrás de mim a cores vivas
a travessia toda será um grande grande buscado oásis
onde acalme as duras duras sedes com que um dia partim

(Seco e acre agora como um plâncton está-me ardendo
na boca a alma que já percebe as sedes a dominar depois)



encostado ao kutikaka 2

Procurei no horizonte um viajante isento do desejo
que me guiasse a uma Birmânia de claustros partidos
e guiou-me ao silêncio de Schwe Van Pye nas ruínas
e aos pés do seu único habitante na esteira deitado

Procurei prostrado ao lado daqueles dedos descalços
apanhar o sigilo na sombra da sua doença santa
e aprendim na paz perturbante dos olhos do anciao
a ignorar a olhada de toda a terra e do céu inteiros

Procurei comendo as plantas do lótus apodrecido
esquecer a pátria cara e aquele meu nome antigo
e esquecim residindo como um cao no lugar abençoado
e sentim a glória do animal enroscado às pernas do amo

Céu e terra e Brahmans me vem encostado ao morador
e todos desnorteados me olham os olhos da terra
os céus os Brahmans mesmo nos olhos reflectidos



fulgor e opacidade

Grandes som os desertos, som tam grandes
os horizontes ficam tam longe, tanto
fazem a gente sentir-se pequena, tam pequena
fazem a gente permanecer em silêncio...

Acontece olhando o mar, um deserto
areia líquida com miragens de água
tenho ficado horas mergulhado quase cego
na sua imensidade sem pensar em nada...

Acontece olhando o fogo, o deserto
feito língua que devora os sentidos
tenho ficado horas aquecendo o deslumbramento
numa lassitude doentia de lenha possuída...

E agora acontece-me debruçado um instante
ao poço insondável da minha anódina vida
absorve o reflexo as palavras o tempo passando
um mar, um fogo, um deserto tam grande...

Maio.97



minarete sul

Qualquer coisa de privilegiado neste estar a olhar a ferrugem do dia
nos telhados ao fim da tarde quente de inverno
enquanto escrevo (mas escrevo realmente) que os estou a olhar na
cidade rugosa e única ao sul aí prá mim:
um mar confusamente harmónico de quadros vermelhos entre o
mármore ao pé da janela e o castelo de s. jorge
no meio do topo verde com duas bandeiras como velas dalgum
aniversário épico a que estou convidado de longe
e duas lagoas de tejo lá no fundo dos lados em lampejo imaculado de
lenço branco e aberto em volta do seu pescoço.
Cantos de galo a esta hora talvez desnorteada, couves cinzentas e
limoeiros no meio das casas, telito inclinado
para tanta luminosidade gasta do fim da tarde, do acabar o domingo,
do desaparecer para sempre o mês.
Tanto vidro neste minarete de águas furtadas que dá para ver até às
torres amoreiras lá por cima, e
primeiras luzes na ribeira do outro lado do rio, regulares num
instante feitas cordon de 12 pontos, 12,
agora alfama ao pé do castelo, e em breve começa a nascer o mar de
estrelas, a apagar o vermelho apagado dos telhados.

Caíram umas gotas neste último dia de fevereiro (as nuvens
continuum carregadas de promessas)
desse céu em que raramente se repara aqui porque o seu prodígio
está na luz que derrama por ruas e paredes
e o perfume da chuva ronda o ar que se incendeia de mais pontos de
lâmpadas acesas em que a lava também é branca.
Fogos comprimidos, e tudo tam encolhido para dentro que descer a
rua benfornoso até almirante reis
até iria deparar a surpresa da ausência repentina de mulheres
tatuadas nos braços das portas dos locais
gasta a sua persistência antiga agora nas brasas, essas sim, do néon
encarnado ao interior sumidas.
Porque existem domingos de folga para algumas pessoas, embora e
porventura seja de muito trabalho para outras.
Os pontos geometricamente multiplicam e quando levanto os olhos da
cave que escava em teia a caneta sedenta
já lá estão sem saber exactamente quais os pirilampos intrusos
acendendo as plantas urbanas de insectos.
A consciência do ritmo frenético em que me vejo parado como à
beira do desastre de pé incomodado
pergunta-me pelo sentido deste olhar graforreico, se vale a pena
fabricar angústias para o deserto papel
e recolher um farol piscando, o barulho do reactor que passa
agora entre as amoreiras e a última raia de luz natural
como se isto fosse importante de lembrar para sobrenadar os dias
constelados de frio. Será mesmo...?

28.Fev.93



paisagem de sede

Tenho pisado as ruas molhadas da cidade velha num desespero crescente por um encontro casual. Mal tenho sabido responder às palavras amáveis de seres casuais passando por mim anónimos como as pedras lavadas. E era que todo o fortuito era um estorvo se nom era o fortuito buscado. Era outra vez um adolescente temendo usar as moedas para resolver o desespero com as únicas palavras ainda informes que me inflamavam toda a lucidez do cérebro. Sou tremendamente ingénuo. Sou timidamente pouco prático. Além disso tenho perdido a tarde toda na procura dum caminho húmido polo meio de tanto sol com que este dia veio interromper o Outono de águas continuadas. Era tam difícil pensar noutra cousa que nom fosse a eloquência dos teus olhos tolerando-me. Sou como tu. Afinal és como eu. E acontece-nos este prodígio de amor que nos separa.

5.Nov.92



raia no coração

Fui. O espaço do gabinete rectangular. A luz do flexo um alvo cogumelo sobre a mesa atravessada no meio de lado a lado. Quase ocupando tudo. Ela atrás dela, levantando os olhos quando abrim a porta entreaberta. Sorriu... A claridade do seu sorriso reuniu-se ao flexo. Sentei-me diante. Deveria ter ficado para sempre assim, olhando-a. Mas as línguas nom se conformaram ao repouso ignorador daquele sabor que tinha o degustar-nos mutuamente. A minha boca era a mais seca e bebim mais, sem controlo, estupidamente. E acabei por vomitar a alma sobre a mesa, puxada polo gume que num haraquiri ao coração me impingim. Ninguém gosta de ser salpicado e nada percebeu... Nunca saberá que aquelas palavras formularam uma oração para ela. Nunca saberá que quando saímos juntos, olhando a raia vermelha do sol sobre os telhados, eu ia desangrando-me ao seu lado, e o coração, anónimo, morria aos seus pés sem ela dar por isso.



festejo

Nem suspeitas a selvagem noite incitadora que em ti festejo neste indecoroso olhar-te contra a cidade humedecida em luz. Digo sem dizer. Se tu intimas obeliscal a procurar-te à distância e vir de dedos ditirámbicos. E venho. Se acudo romeiro tocar-te de leve no perfil de moeda com que quero retribuir os passos ávidos perpetuamente de ti. De sonhar-te convexa. De sentir-te vibrante. Ver-te agora inocente por um segundo imenso, antes da promessa de ângulo poliédrico de paixom. Antes da jardinagem no oásis da carne nutriz do nosso desejo imenso, antes... De tudo calar, quando ficas pensativa perguntando que pensava. Porque tudo penso por um instante e tudo calo para sempre. Porque nom me ensinaram a dizer...



tu dança

Escravo escreva do escuro céu de chumbo, brilhe o chao de pedra. Muitas noites numa noite só caminhando ao Paraíso-Inferno. Nem te dizem nem poderei dizer-te quanto guardo quanto quero, estátua viva que deixas rastos de roça leve em dedo alado na minha barba breve. Lá te deixo. Toda do mundo. Ame, ramifique no aguaceiro, desespere na furna do desejo nunca importa. E nunca nem por isto saberás como importavas. Confesso. Confessa. Fica no carro que vai à dança e deixa a assombração desta escura espuma de furor transbordar-me as algibeiras dos sentidos. Sabes. Tu deves saber como vou húmido interior, exterior. Vou.

De passagem e rosto molhado na alma tonta, levo um anjo com febre que guarda uma laranja esmagada no meio do peito. À casa, de respiração selada, escorregando no fulgor de mulheres jovens, tombando-lhe por dentro do fulcro do fulcro do arco da pestana. E aí descubro o equinócio da cegueira animal que me goteja da cabeça esta última resina que nem quero nem me importa e talvez darei para essa montra aonde foram alimentos que já me deras. Toma. Devora.

Subo. Quem se importa com a chuva que intermitente ri à gargalhada da minha oferta. Suba a rua e eu já desça, o Inferno é fundo e cálido, nengum sentido épico redimindo a lógica desta batalha perdida. Retirada. Escravo escreva do escuro céu de chumbo, brilhe o chao de pedra. Uma caneta em envelope usado acalme com sangue de tinta esta sede de vida à sombra do farol em arco.

Fantasmas de músicos ambulantes no Obradoiro em gozo, as sombras de santos e pecadores dancem contigo longínqua. Doutor de mim e de minha miséria humana, amanhã farei disto uma jangada do agora. E salve-me. E viva. Escravo escrevendo do escuro céu de chumbo, brilha o chao de pedra. E tu dança. Dança no bocal do meu Inferno (maldita).



o vinho da tinta

Estivem a ler papéis velhos como quem persegue os cacos dum copo ordinário espalhados entre a areia da praia, água salgada apodrecida, copo para adolescentes embebedáveis com vinho tinto, deslumbramento da própria alma nas próprias maos vazias ambas, quanto se tinha avaliado de prodígio luminoso no meio do buraco preto. Estivem a deitar para o lixo a ingloria escrita como quem queima as naves sem mastros nem remos, sem velas nem leme, vergonha de só saber pairar à deriva, para nom ignorar definitivamente como tinha chegado a este continente em forma de ilha. Traiçom.

Com vinho tanto, um par de oceanos ao cais dum lugar sem nome na parte velha da cidade pétrea, naufragar vermelho com carimbos do Porto estampados no envelope do estômago, e escrever, inventar um herói a passear sozinho polas ruas molhadas deste livro, um zé-ninguém que será repetido em todos contando sempre à gente como é infeliz, ho, como sou infeliz. E quê!, seu cara, ousadia de branco ocidental com dinheiro na algibeira e alguma desgraçada ideia na cabeça, seu escroto, lesma, merda-seca-senhorita!



attikismós

Venho-me lendo cabalística cifra no raso das sujas paredes. Escuro grafite no estreito sanitário dum bar miserável entre os cheiros perenes embalando paixões no sigilo da sombra. E ninguém sabe. Mas já tenho sonhado também nessa equívoca sorte de acordar um dia debruçado ao poço das ruas, os pavilhões de luz em volta dos pés e a brisa de todos os mares inchando-me as veias. Talvez aquilo que cheguei a beber por instantes na água dos prédios solares equilibrado entre as nuvens. Só por instantes sobre o mapa dos telhados com o contorno das torres em casas sem gente que trazia de longe o ar do deserto. Como até tive por instantes de noites as arcadas aticurgas e o terraço transparente, um teto de estrelas e o céu de Roma. Pouco mais deveria pedir.

Mas nem ainda nesses instantes sentim a vertigem soberba de mirar abaixo as avenidas dispostas em geometria de alcantilado para o carro dos sentidos sem ver as pessoas. Será saber que afinal sempre hei de voltar debruçar a uma patética janela de primeiro andar para derramar-me às vezes pola fachada em consciente inglória. Será a estúpida consciência inglória que estraga tudo. Sempre e só essa consciência o que me fica de tanto sonho, e os sentidos. Todos circulando em direcção proibida entre o alento raro da ingenuidade sem semáforos. Bombeando sangue na espessura. Do vazio, claro.



certezas

Ocorrem instantes iluminados pelo fulgor de uma certeza como um disparo que me bate na cabeça e me deixa aqui sentado. Colado à cadeira como uma fotografia. E é como se cada gesto sonoro e inútil que o silêncio da noite soleniza entre as plantas silvestres de fora da janela tivesse mil vozes em línguas desconhecidas... Por cima da bruma e dos sinos dos bares cheios de Compostela agora pressentem-se luzes vermelhas no monte Pedroso. Em qualquer momento vai rodopiar um alarme nalguma porta vizinha ou entrar um moribundo na sala de urgências desse Hospital ao lado. A vida e a morte aí e aqui tam perto fora de mim e dentro de todos.

E a certeza de estar vivo porque se vai morrer nom ajuda ao fingimento de abrir a eternidade na tua procura por meio deste gosto da escrita. Acaso com cada palavra me dou ou te dou a seda das sedes com algum sentido ao nada que somos...? Que ironia ignorar tudo e fingir que nom te ignoro a ti. Ah, quero dar-me, dar a ti o favor supremo do olvido. Rogar para que nom nos acordem estridentemente com disparos e nos deixem embebedar em paz nas estantes. Procriarmos inconscientemente filhos que nos amem ou nom e dormir pouco, encontrar trabalhos manuais, jogar à bola. Comer gelados nos dias de calor. E ir para a praia tomar banho e rir como crianças. Inventar religiões cada dia contra as certezas. E administrá-las em desesperadas doses de salvação.



goles de golos

Atirei-me à tarde com a força calma de saber o que queria, mas a humidade repentina no céu subindo desde as charcas, e deambular buscando algo que de tanto tardar esquecimos, deixou-me indefeso entre os bares da cidade. A gente bebia nos écrans da TV o fosfórico caldo dos golos sobre o verde falso. Eu também bebim, bebim, e nalgum momento regressei a casa cansado para continuar embebedando-me à vontade com verdes de golos e vermelhos de notícias e pretos e brancos de filmes e spots, e os carros, os perfumes, os detergentes, as roupas caras, certificavam a imbecilidade de estar lá, e da vida toda.

Agora que apurei o fundíssimo copo todo do écran até altas horas estou ébrio de algo vazio. A gente à tarde nos bares da cidade ao menos tinha sabedoria de nomes, e escolhera estupidamente bando. Como gostaria de ter sido desses que têm motivos e escolhem, desses que podem vibrar por fora e vibram por fora, por nada e por tudo, desses que são gente ignorante e salva pela sua ignorância santa, e se lhes vai a alma num golo na TV. Ah, a força calma com que me atirei à tarde, agora não dá nem para beber sozinho. Nem para fugir a este sentimento que alguém já exprimiu melhor.



oriental 2

Aos templos nepalis levam encerrar no terror de máscaras e demónios algumas raparigas virgens. No fim escolhem a mais serena para representar Shiva na terra. Ela será uma deusa honrada polas ruas de Katmandu, até à chegada da primeira menstruaçom. Entom outra rapariga a substitui... E nengum rapaz de nenguma aldeia casará com aquela, porque o rapaz morreria jovem. Mesmo depois de ser substituída persiste o temor, e a menina já nom sabe bem como ser mortal.

Às vezes sinto-me encerrado num templo mais vasto que os templos nepalis. Da minha serenidade nascida dum terror excessivo algum bárbaro sacerdote me designou a escrita. Comecei a exercer esta forma estranha de divindade sem saber que Shiva representar na terra. Comecei a viver com a suspeita de levar o sacerdote dentro, e de ser o seu desígnio errado. Nom me importo polas honras breves da Kumári nas ruas de Katmandu. Nom me importo porque as sei efémeras, e até as acho grosseiras como acho grosseiro exhibir. Mas nom posso esperar o sangue menstrual nem o relevo virgem. Porque nom existe relevo para um pequeno deus sem fe e sem acólitos num trono desconhecido. Porque o único sangue menstrual a que me resigno está nesta tinta que embebe o papel. E, depois, se deixasse de ser Kumári da minha escrita, dificilmente uma alma casaria com a minha. E, sobretudo, dificilmente saberia já como ser mortal. Falta agora saber que farei com este sangue.



insónia de stukas pretos

Indícios de ouro no fundo do cérebro e gelos lunares à noite no lençol imenso. Silabar de relógio encimando insectos uivantes e agulhas de luz no veludoso tacto da sombra. E, nas alvas maciezas de calor, vem já um quase sono pávido à espiral da cabeça ofuscada, um ébrio delírio de céus imensos desde as ilhas de claridade distante. E o ataque demente de corsários em Stukas pretos.

Estala entom o desígnio errado de bússola rota na minha asa à altura de evocar um nome um amigo país ou Paris, e murcha o instante como flor exótica estrela estátua de nuvens abatido por um rá-tá-tá metralhador de voo rasante. E aos poucos cai-se-me o sonho como lento-límpido papel caindo devagar a mão pairando dum menino triste à janela lento para a rua transitada da manhã alta devagar.....



passagem

Escrevo para mim sem saber querer que me leiam. Como quem remexe nas vísceras do corpo que arrasto por meu nos anos dados para entender para que nos deram. Acaso nom haja sentido que encontrar a isto. Acaso a velocidade da passagem para tirar mais partido à fulgurância da estadia. Acaso dar-se apenas esta efémera seda da escrita às sedes que sendo dos músculos só pareçam da alma.

Depois, sempre tive a suspeita de que Ulisses nunca chegara a Ítaca, e de que o grito pós-moderno glosando o *carpe diem* nom podia apanhar-me por estúpido. Sou um estúpido. Nem a tinta parece servir já como exorcismo. E nom porque tudo seja agora digital e estéreo. E nom porque a palavra seja só raiz. Alfanumérica. Aritmosófica. Raiz. O pior outra vez é acreditar um bocado em tudo e nom acreditar em nada, saber algo e nom saber nada, ter alguma habilidade e nom ser magnífico com nenguma. Ver TV e escrever.



minarete norte

Verao: último segundo oficial de sol, o seu globo em queda vermelha
e quase visível por entre os paus de alta tensom
ao canto da mata arvorada com ruína modernista, carvalhos e algum
limoeiro, muros ao vértice central
e os eucaliptos aos cantos demandando garças reais à sombra
longínqua do monte pedroso
com crianças nítidas sobre o relvado de repente feito de um verde
intensamente escuro ao fundir-se o sol.
Movimentadas (a maioria atrás da bola) neste teatro entre a mata, a
escola fechada, e as vidraças destes prédios novos
que atrincheiram a cena em aura pesada de fumaça estival de campo
da cidade imediata e febril às costas.
Talvez transmitindo a respiração embaçada dos carros, o perfume
denso da temperatura elevada no ar de setembro.
Vou ao outro lado apanhar o contraste e o formigueiro que transita
por galeras dos bares ao hospital
e encostada aos seis andares ou sobre a área de estacionamento e a
pista de aterragem dos autogiros carregados de morte
nem aparece rastro do globo gélido da lua subindo da parte velha
sobre as agulhas da catedral
nem reconheço a gente, o guarda do estacionamento, as marias e o
suso do supermercado, as meninas da farmácia
embora todos devam estar aí apurando inconscientes o cálice do
verao que acaba, como o homem dos gelados
que está na hora de recolher da alameda a carrinha branca e

cambaleando incerta descer polo pombal abaixo.
Sei onde vai, à rua das hortas: uma vez encontrei-me com ele
avançando sinuoso por esta rua,
eu com as crianças que comem os seus gelados e entom parou porque
já existe certa confiança entre eles
e sentim-me obrigado a perguntar alguma cousa e ele a contar que
era de almeria e passava só os veraos aqui.
Porque os invernos de chuva em compostela som um mar de agulhas
que se espetam na sua carne sulista.
A partir daí fala sempre em pequenas doses sem ultrapassar as boas
maneiras no seu castelhano com sol.
Dará para o resto do ano o vender gelados no verao em compostela?
Terá crianças ele...? -pergunto-me.
Talvez seja assim. Na realidade nom parece um naufrágio, como o
tocador de arpa da parte velha que sei bom actor
e que já admirei nalgum palco e continuo admirando por nom ser um
desses músicos pedintes de profissom,
embora todos, incluído o canzinho malabarista e os mimos
esporádicos, os tunos e os vendedores de tudo
estejam igualados na sua posse de pulcras lavadeiras enxugando
algibeiras visitantes na riada contínua.
Mas acaba o verao e tudo vai ser mais difícil para eles, até para o
trem turístico que por 500 pts. (200 crianças)
ensina quatro ruas periféricas e explica com música de clavelitos
outras tantas magníficas generalidades.
Acaba o verao com faróis acesos e um céu leitoso, todos sumindo nas
sombras que se iluminam. As crianças foram embora.

21.Set.98



paisagem de seda

Nalgum canto da memória existe a ilha de água com moinho à noite
e a sala sem rede eléctrica ao pé do mar
existe a praia deserta em inverno para nela correr nus
e ainda livre uma mesa velha
nalgum antigo café

Aprendim que bocas pintadas desenham melhor mapas de paixão
sobre a húmida febre dos corpos arfantes
e o prazer pode marcar para sempre o violeta no rosto
sem que a prévia vertigem da insónia e do vinho
alcancem a exaurir os nervos metálicos

E além de tudo guardo um nome de cidade ao Sul
que nos uniu primeiro sem habitá-la a par
cartas fotos a seda oriental da tua pele asteca e o cristal também água
que nos separou último



latido

Dizer-che tudo o que para ti fui guardando
nas algibeiras rotas da alma
só por acaso
se te encontrar perdida numa praia de espera
e o relembrar as vagas antigas
nos obrigasse a tomar um banho de palavras
se fosse capaz de tomar-me o pulso e me deixasses
latir-te...



oração

E depois pensar em ti
perder-me devagar no meio dum jardim botânico
sem ter calculado
sem prévia busca de tempo ou rota no plano
como um náufrago no oceano de luz da manhã
pensando como seria bom perdermo-nos a dous

E antes a Travessa-do-Fala-Só
como um sorriso calmo subindo para o Bairro Alto
subindo a vista sobre o mar
o mar entrando grande no Tejo em que se confunde
do modo como eu gostaria de confundir-me em ti

E agora a estonteante febre
da beleza das plantas e dos teus olhos ausentes
no trânsito do cérebro para o coração
e como te rogo sem te ter tido
nestas palavras que te rezam



harakíri

Estue o asfalto e ferva o motor
da minha mágoa japonesa correndo-te ao encontro

Algemado ao fervor pola vida vou
buscar-te, atra figura fulgurante da morte
de maos insontes de inocentes
mas ávidas que foram do sangue miserável

Aguarda-me imota, sê-me o recife
em que parta a cabeça de ousado

(Deixarei os miolos como um rasto de fósforo
indicando o caminho que nom sigam os mansos...)



dormir

Dormir dormir dormir
para escapar a esta palpitação dos olhos febris
que nom ocultam um medo polo escuro

Buscar no sonho o caos feliz
que mitigue a vida pungente e veloz
a vida sem o sentido da chuva no rosto caindo
a vida de caracol no meio duma imensa parede, a vida

Dormir dormir dormir
o cérebro ébrio em angústia e tédio
o cérebro que tudo lamenta porque nada sabe



tapete escaldante

Ainda nos alvos muros estampam sombras
estes olhos de resplendor tóxico, mas
em breve a luz diurna invadirá a hora imprópria
e compostela ao correr das molhadas ruas
voltará íntima e à vez alheia
como a vida toda...

No recôncavo do recôncavo (para além do medo)
deveria ficar algum pó de cravo e canela subtis
pimenta e gengibre ao canto da pestana
restos de noz moscada e algum refrigério sonhado ou
fingido que fosse, mas
que soubesse acalmar um coração em fogo...

Só que nada fica se nom é sonhado para depois arder
como agora o que da fresta da janela incendeia
nesta malfadada cabeça entre as maos, e eu
nom sou capaz de espalhar baldes de diamantes por compostela
se tenho de andar o tapete de chuva escaldante do seu alto dia
se nom tenho os sapatos que tirei para sempre, e toosso...

Set.98



neurona

Lembro que antes lembrava um rosto
do qual nom lembrava o nome

Agora nem o rosto lembro
e em breve nem lembrarei que lembrava



dias

Todos os dias perdidos
como este que hoje perdim
talvez outro dia possa juntar
na memória desocupada e feliz
para assim salvar esse dia
de ser outro dia perdido

Noutro tempo nom perdia dias
como este que hoje perdim
talvez por entom nom saber
talvez de tam ocupado e feliz
que cousa era ganhar ou perder dias
que cousa era tempo e dias

Agora vivo procurando salvar dias
como este que hoje perdim
sabendo amanhã perder outro dia
mas, ainda sentindo que os perdo
continuo ignorando que é perder dias
e sobretudo que cousa é ganhar



enigmas

Portavam aljavas
e amarantos aos ombreiros
em vez de flechas de água um surtidor nelas
com altivez guerreira nos cavalos de olhos espantados
mas sem gritos, inocentes enigmas de silêncio
aquelas estátuas



diaporese

Andar andei a noite iluminada
do neónio nas estradas e insónias penosíssimas
apetrechei-me das saudades e dos ópios flutuantes
com que premeiam os guerreiros mercenários
e nom alcancei a causa de andar
senom aqui

Andei aos cromos de sombras e fulgores
para o álbum de sedes que atrás tinha deixado
procurei todas as fontes brilhos e sabores
sem saber achar a água a luz o gosto
porque nada podia ser achado
senom aqui

Andar andei também sem andar, é claro
às vezes sem ter nem movido as pernas
conhecim que a melhor maneira de viajar era sentir
mas nunca poderia ter sabido sem antes andar
sem antes reparar que realmente nom tinha pés
se nom era aqui



parábola

Cuidava o velho jardineiro cego
a flor azul nas terras altas e esquecidas de Firdaus
e arrancava do vasto espaço da floresta urtigas, mas
mais que às urtigas temia os acónitos disfarçando
o seu veneno debaixo do azul
que podiam consumi-lo a ele e desnaturar a terra

Sabia bem da florescência falsa
e revoltou-se à semente dos amos longínquos
que só temiam o tempo de urtigas acordadas
ignorantes de que pior era o de acónitos
porque a morte lenta de jardineiro e jardim
ia preceder o surto das urtigas

Vieram entom com novos jardineiros
e nos écrans da TV e nas folhas de jornal e nas ondas de rádio de repente
e nos palcos de discurso e na boca dos cantores e até nos decretos da lei
na carta circular e no pedido de empresa até à fórmula religiosa
ou no livro do professor ou no papel para o estudante
crescêrom aos montes acónitos traidores

Setenta e duas províncias lhe deviam
vassalagem de alma em Firdaus à Galiza
mas ninguém acreditou no cego cansado e velho que indigitou o falso
e campam hoje dromedários e tinsiretas camusinos
metagalinários cameteternos onagros biosbardos
no espaço que sume envenenado



susana

Perscruta o outono susana
nos teus dedos brancos entre as grades
susana de olhos tristes
temerosa dos fotogramas
que sombra verde verdugo percorre a cela
susana poças prá grafite
invocando todas as liberdades
que penúria de paredes tem fora o meu país
susana de olhos tristes
o teu amor que faz aqui
um carro celular estacionado no silêncio
do camastro duro assusta tanto
maldita locutora da TV
quem saberá pronunciar o nome que redima
o teu nome susana o teu

e andam
anjos escuros
no empíreo

à memória do meu pai

gong
carlos quiroga





anjo escuro

A frialdade da onda hertziana vai entrar-me funda
na orelha adentro como aço fino com palavra na ponta
nalgum minuto qualquer do dia ao toque do telefone

virá entom um anjo fardado em coiro escuro explicar
que a isca viscosa e rotunda que estou mastigando na boca
nom tem nada de particular, e haverá gargalhadas

passarei algumas noites encostado à cabeceira de mim
lembrando dores longínquas de moas ou de cérebros
na ideia metafórica de ponderar o agónico momento

mas afinal só serei capaz de lamentar a mim encostado
e pensar se saberei fingir a paródia piedosa de nom saber
e ficarei como um imbecil à solta polo pátio da vida
(sem realmente nada saber nem de tudo compreender)



ferrol

Pesa mais a soledade húmida e verde
das minhas plantas acompanhando-ma
do que esta dor aguda de vidros na boca

nas manhás de sol que bate nas celhas
acordo a um total desamparo em Perlio
e ser eu só e tam intesamente impotente
é a água duríssima que à face me atiro

há um ferro que mata porque nom mata
fisicamente amiúde como agora me mata
e a custo suporte a luminosa cabeça do dia
apertando pena e pensamento estilhaçado

...ter de ir destilar o humor em balas
do colte da minha pacífica língua
hoje francamente desarmada, merda
lúcido professor de nada



cartazes

Só dispor o tacto dos olhos como a ser estrangeiros vale
chegado doutro país ou doutro planeta longínquo serve

de autocarro polas ruas da cidade em mágica passagem
na retina dos cartazes de lojas esquecíveis a ferrugem

vejo-me a mim próprio como um animal admirável
porque nom me reconheço e sou o-outro impossível

sempre qualquer outro deve ser mais feliz e eu quero
mas a passagem e dispor o tacto dos olhos nunca dura



desabitado

A fosforescência eléctrica dos asfaltos húmidos na noite
um ruído opaco injectando sangue nas veias do motor
um corpo lânguido trespassado de agulhas no hospital
que minuciosos nomes e carimbos na montra da esquina
rostos alheios a tudo trocando-me olhadas tarde tarde

o comboio partiu ontem sem nostalgia especial na boca, mas
imagina que estava de flores no cais e te beijava adeus
juro querer-me outro doutra forma naquele instante acredita
nas páginas da semana colaria outros cromos no escuro
certeza, a cores fingindo uma vida de fulgores e livros

chegar assim à tua cidade desabitado de forças no cérebro
a minha presença mais inútil que as almofadas ao colo cortado
como se abranda a dureza a situação e sou capaz de dormir
depois de tudo isto acontecer e estar consagrado à insónia
a vida continua e tu lá e eu aqui, e contudo hei-de dormir

compostela

De manhã no autocarro o fascínio longínquo dos cartazes
porque miro sem os ver na forma da letra descartado o sentido
a olhada do rosto afixando antes o temor do que aguarda
e aguarda um espaço enorme no exíguo leito sem lábios
um olhar impotente e triste ao colo aberto no hospital
e nada para mudar nos dedos esta sensação de nada

passou o tempo e compostela é como nos primeiros tempos
quando só me tinha a mim à chuva e a banalidade dalgum sonho
o intervalo de conseguir amar as ruas com cheiro abissal
e acreditar nas faces das mulheres novas brilhando ao passar
projectos ilusões e o naípe insatisfeito e ingénuo da escrita
e certas horas com amigos humidades para eu aqui ser feliz

mas passou o tempo e compostela agora fere sem piedade
neste leito exíguo que era um mundo e ignorava fármacos
ou chegar de autocarro fai humilde na fronteira da lembrança
ou os minutos infinitos olhando telhados aproximam o inferno
à noite qualquer música ofende, nom há para quem telefonar
porque tudo um torpor desconforto da alma, tudo merda



plurais

Anda um ruído no céu de partir a noite em abruptas fendas, um dedo de fósforo traçando quebrados de luz com o rápido gesto de um samurai na sombra. Cai mansamente a chuva lá fora na relva saltitando de cristal no estanque do terraço. E uiva algum cao com medo. Ouve-se quase o tempo medido por esta densidade cadenciosa de silêncios. Na casa dos pais, tam tranquila dentro... Os pais, ainda plural.

Hoje caíram-me os olhos nos braços dele, e perdí-me nos mapas de manchas ligadas por estradas de aço, como se a semana de agulhas lá metidas as deixasse para sempre nos nervos incorporadas à carne. Lim a sua queixa nos lábios de não poder falar. Vim os seus dedos escurecidos tocar a exígua garganta. Respirar pelo orifício do pescoço. Vim a fístula que rebentou segregando saliva, e chorei por dentro sem mais suportar ao vê-lo comer pelo nariz... Ele que comia rápido e gostava de contar histórias... Aos 53 ninguém pensaria em não contar mais histórias como ele deve pensar agora. Ele que nem deve contar comigo para fazer o mesmo de modo diferente. Nem para contar a sua história que em realidade é a minha, contada talvez com menos humor do que ele faria, mas com o mesmo final. E talvez ainda a minha história dure menos na cabeça dos que ainda gostam das histórias plurais do que a lembrança das suas na minha.

Ouçó um ruído e passos e vejo através do vidro opaco da porta o rasto de luz do quarto de banho. Ouçó o ruído do mijo caindo mais

forte que a chuva e ouço-o a ele assoprando polo orifício para limpar a baba molesta. Fico tenso para vê-lo assomar pola porta mas apaga a luz e nom assoma. Vai para o quarto. Noutro tempo abria apenas para dizer que me fosse à cama, ou chamava-me louco se era tarde, ou insultava-me muito se muito tarde. Já nada é igual. Já nem pode insultar-me. Só a chuva. E ainda ela parece mais monótona, mais inútil e fria. Ele gostava de fumar tabaco negro, e aos 53 muita gente pensará em deixar de fumar e de facto nom deixará, ou deixará. Deixará mas sabendo que se quiger pode fumar algum dia um cigarro. Mas poucos pensarám que ainda querendo nunca mais fumarám como ele deve agora pensar. E aqui estou eu sentado ambicionando o mundo enquanto parte dele se abate à minha volta. Sei que nom ambiciono nada, mas preciso enganar-me, como todos, para ter vontade de respirar com força. Fumarei um cigarro à janela escura entreaberta para que nom haja fumaça e cheiro amanhã e para contrariar a minha falsa ambiçom. Como fume nom poderei respirar com força, e fumarei como uma espécie de suicídio. Tam adulto, mas com esta clandestinidade culpável a esconder na casa plural muito de tarde em noite algum cigarro suicida.

Acalmou a tormenta, a chuva. Só o ruído leve do esgoto no estanque do terraço. Nom há cães uivando de medo, mas o medo continua pairando tranquilamente, com cordura, na minha cabeça. A consciência da passagem do tempo é evidente na mudança de ruídos circundando estas palavras. O frigorífico é quem agora activa o

termostato do frio e o seu ruído e o seu frio percorre-me as ideias. Parou. Estivem a ouvi-lo e finalmente parou. Como as fendas da noite e os quebrados de luz. Como ele e eu e as nossas histórias plurais ham de parar. Mas, se nom me fica quando menos esta seda das palavras que há de ficar? Para o meu desamparo cósmico assumido, que tenho senom? Talvez ele tenha deus, mas o medo dos seus olhos é o de quem acredita mais na vida do que em deus premiador. O medo dos meus olhos qual é? Que se negue o talento? Ah! Digam lá, quanto é que duram talentos. Pouco na sua auto-confiança, poucos na dos demais. E afinal nem os demais duram, nem os deuses duram. O que teria a fazer é fumar outro cigarro mesmo. Mas já foram dous. O que farei será dormir, dormir dormir dormir para amanhã respirar com força e partilhar com ele a minha história em silêncio, as nossas histórias plurais, cheias de medos e samurais na sombra.



revisitaçom

Visitando lugares da infância confirmo a passagem irremediável do tempo. Até porque aqueles adultos são agora crianças idosas. Ou se nom morreram. Ou já são outros, e nada comovente nas cousas estragadas e velhas que sempre foram vulgares. Visitando o meu coração inexperiente no cenário das suas primeiras feridas tacteio a cauterizada epiderme da alma sem especial emoçom. Até porque tudo aquilo que amo é agora mais vasto ou tem as raízes pola terra inteira. A minha ausência nada mudou estes mundos, que aparentam ser iguais mas menores, só porque a mim o mundo me é maior agora... Quando deste me ausente também, e para sempre, com certeza que nada igualmente vai mudar. A ínfima e substancial diferença: revisitar-me conscientemente será o único estúpido que poda evitar.

delícias de murro





adolfo

Quando convidas a café, Adolfo,
seja no Derbi, no Yate ou no Metate,
eu sempre toco rápido a carteira
para saber se sim ou nom aceito...
E com respeito à tua marca de tabaco
é curioso que sempre coincida com a minha
por mais que eu busque infames raridades
distantes dos teus gostos esquisitos.
Nestes pensamentos ando, Adolfo,
por perguntar-me quais as minhas qualidades
para estimares tanto tu a minha companhia.



super-mário 3

1.

Maravilham-se das tuas plantas, Mário,
e de que nom tenhas com que regá-las,
mas poucos sabem que tu só bebes água
e que nunca ao quarto de banho vais.

2.

Agora já percebim o das plantas, Mário,
na sala tam grande que a direcçom te deu:
se tirasses da sala plantas e seus apetrechos
a gente perguntaria para que queres a sala.

3.

Desde que os alunos te fugiram, Mário,
as tuas plantas começaram a murchar.
Está bem que lhes expliques a elas, homem,
mas olha que as plantas nom podem fugir.



salvador

Tu nom podes chamar-te Salvador...
Se, quando acabo as minhas aulas, sibilino
tu cruzas por mim como por acaso
para agregar uma tua banalidade ainda
às tontices que durante a manhã já che ouvira;
se como que aguardas que pegue nas minhas cousas
para casualmente tu ires também de saída
por suposto nunca na mesma direcção;
e se afinal nunca importa para deixares-te levar,
tu nom podes chamar-te Salvador!

E se eu te levo e aturo paciente, rapaz,
enquanto me estragas o carro e a cabeça,
que che custa responderes por Moisés
sob pretexto da chuva neste dia infernal??
Olha que tu de salvar só praticas o participio,
e como muito admito-te salvadorenho
(ou mesmo algum sucedáneo da farinha).



juanim

Tu passavas por ser, Juanim,
o maior perito em quintos
de toda Compostela e redondezas.
Mas houve aquela noite infausta,
e no concurso que tu promoveste,
perdeste o crédito todo, e a tua lábia
dedicou-se por um tempo às bicicletas.
Menos mal, Juanim, que nom eras militar
e os quintos eram só de cerveja...



camilo

Andavas, Camilo, de tasca em tasca,
jeans descoloridos e pés quase descalços.
Mas já frequentas o Aragonay nos baixos,
fatos elegantes e gravatas de mil flores.
Escreves nos jornais cousas que ninguém lê
e acompanhas-te de sucessivos tipos importantes.
Tudo isso, finalmente esclarecido,
é depois do ano cumprido, Camilo.



amélia

Surpreendido fui lá ver, Amélia,
o aluno que ainda diziam te ficava
daquela grande turma de cinquenta
com que começaste o mês de Outubro.
De caminho encontrei o enfermeiro
com a cadeira de rodas vazia
que vinha de deixar-to na sala.



eládio

Que queres, Eládio, que pensemos
se andas atrás dela como um caozinho.
Nom há ser polo cu enorme de cisterna
nem polos seus lábios sidosos e pintados.
Nom será pola infame forma de falar ela
nem pola fama em que seu pai se empenhou.
Que queres que pensemos, Eládio,
do que vês nessa ruim apresentadora
senom que buscas ser apresentado?



paco

Di-me algo, Paco, porque afeito à enxurrada
de século das luzes que enriba sempre atiras,
para mais catarse minha nunca nada dizes.



m^a eulália

Quando pola primeira vez te vi, M^a Eulália,
julguei que eras da Transilvânia (a sério).



directora

Sempre que chega carta da Directora
pego nela (na carta) imaginando cousas calmas:
o seu delicado dedinho grosso no teclado
farejando horas a fio as letras,
o seu moderno computador a cores
que cada dia estraga duas vezes,
os seus dilatados anos que a coitada leva
matriculando-se nos seus cursos de gallego...

Abro-a (a carta) naturalmente calmo
e disponho-me a:
um, refrescar o meu espanhol vulgar;
dous, renovar o meu gosto por hieróglifos;
e três, sufocar o meu primeiro impulso
de ir comprar gasolina
para pôr lume a algo.



vicente

Quando entre o bigode Vicente
consegue sorrir e ensina o dente
o seu brilho vale metálico
polo da estrela que nom leva ao peito.
E no tocar-se o bulto a direito
nunca nada da anatomia busca
mas a sombra dalgum revólver
que nalguma outra vida lá pendurou.



vázquez

O Senhor Pepe Vázquez admira Paco Pérez:
desde miúdo que ele vinha sonhando uma praça
em forma de taça de banho...



taboada

Há curiosas correspondências
entre as pessoas e os seus nomes.
Se nom reparem em Taboada
(detendo-se na sua cabeça).



hermínia

Falas sempre espanhol, Hermínia (vaia nome),
gritas sempre que sempre o vais falar,
que mesmo trabalhando nesta Galiza,
y que a ver que te pasa, chaval...
Explicaram-te agora as amigas desse Hospital
que em fazendo cursinho sobes méritos e tal,
e tu, Hermínia, pois vais-te matricular,
y que a ver que te pasa, chaval...
que em subindo pontos, mesmo siendo de gallego,
a ti que mais caralho te vai dar...



perilhas

Chamavam-te Perilhas, amigo Pereiras,
talvez por ser o mais visível do perfil
em que sempre pareciam teus ossos.
Mas agora que te calhou a Primitiva
(e, ó prodígio, sem folheto mas com folha)
é de presumir que deixemos de chamar,
pois, dado que o Primitivo velho tem um talho,
ou desta engordas ou emagreces de vez.

P A R A
U M

P R E F Á C I O

para um prefácio global

G L O B A L

gong
carlos quiroga





<posfácio>

A empresa de consultores Pena&Óculos, criada no ano 90, recebeu a encomenda por parte de uma provisória Comissom de Cultura da coaligação BNG, para, por 250.000 pts., aconselhar a Junta da Galiza, no caso de ser governada por estes partidos após umas próximas eleições, sobre como lançar um projecto ilusionante na indústria editorial em idioma galego. Esta situação representou uma oportunidade para a nossa Nova Consultoria (consultores sem contratos) desafiar as suposições sobre o poder cognitivo que atribui o mundo editorial a empresas de relações públicas e nom a grupos liberais de investigação de arte. A nossa proposta foi apresentada em duas fases à Comissom, a qual, entre outras cousas, pedira à empresa de consultoria que executasse um estudo de mercado no sentido de estabelecer qual o papel que o Estado Autonómico deverá desempenhar em relação ao livro em galego.

Naturalmente a proposta começava por recomendar que se efectivasse a existência oficial de tal Comissom por legislação imediata, uma vez alcançado o poder político, e seguia aconselhando o desenvolvimento de um plano de 'marketing' a cinco anos. Recomendava incluir comissões de planeamento locais e havia outros vários pontos de enquadramento geral a considerar.

Um dos pontos mais controversos advertia sobre o vazio em que a iniciativa se pretendia promover: nom só entre as camadas populares em geral havia um analfabetismo quase total na língua galega de uso escrito, mas também entre o quadro de funcionários públicos, professores e profissionais de todo o tipo. Nestas condições afirmava-se suicida recomendar projecto motivante algum se nom exis-

tia destinatário qualificado. Ainda assim, a consultoria avançou propostas no sentido a remediar conjuntamente os inconvenientes da qualificação e da motivação para responder à encomenda. Entre outras cousas recomendou-se à Comissom retomar um princípio constante na história do galeguismo, e que tinha ficado como pura retórica esquecida nalgum canto dos velhos programas. Referia-se simplesmente a reforçar as relações com "os irmaos do sul": qualquer projecto ilusionante passava por divulgar entre a massa analfabeta galega a raiz prestigiada que o seu idioma supunha no meio dum universo editorial e cultural prestigioso, com vários centos de milhões de utentes. Ora esta proposta começava a chocar gravemente com os interesses e os rumos partidários do BNG, cujo crescimento já se estava dando com o apoio de cidadaos lingüística e culturalmente assimilados polo espanhol. Além disso, nos quadros desta formação chamada a governar iminentemente tinha entrado pessoal que nom só desconhecia aqueles velhos princípios constantes da história do galeguismo, mas que também, ao igual que o professorado de galego que leccionava em espanhol, começava a fazer política pretensamente galega na dependência exclusiva do sistema central espanhol.

A indicação deste último factor deveu causar algum incómodo na Comissom, que foi dissolvida antes de receber a 2ª parte do informe e, evidentemente, antes de pagar à Consultoria o conjunto da encomenda. Com posterioridade Pena&Óculos recebeu pressões nom identificadas para eliminar os materiais de arquivo referidos a este assunto, e sucedêrom-se várias circunstâncias inexplicáveis que dificultaram a sobrevivência da consultoria, que também acabou por desaparecer. Nem são convenientes para expor aqui mais pormenores sobre como a prospecção se alargou. Mas tudo isto é necessário como ponto de partida e explicação do que em concreto hoje se apresenta.

Como membro da empresa de consultores Pena&Óculos ocupei-me, junto com Svend Age Madsen, o "louco", de algumas variáveis naquele informe final apresentado à citada Comissom. Foram consideradas pouco relevantes no informe, mas tanto Madsen como eu já as achámos extremamente sedutoras naquela altura para a formulaçom de um "projecto ilusionante". Uma vez extinta a Consultoria, que os dous co-fundáramos com outras 3 pessoas, só Madsen e eu, cada um por seu lado, continuamos esta pesquisa com vista a um aproveitamento estético dessas variáveis. Ele no terreno narrativo e eu no terreno poético. Os meus resultados correspondem-se com a declaraçom e proposta que se segue. Trata-se do "poema global", ao que acrescento dados genéricos e particulares (estes sobre a "novela global") facilitados por Madsen.

Na Consultoria concluíramos que, enquanto o livro clássico vai perviver como fetiche, ampliando a sua vida nos suportes magnéticos, adquirindo várias formas e rostos virtuais, pairando até nas ondas da rede internáutica ou na privacidade do autoconsumo doméstico, dando novos frutos no sentido que foi marcando o OULIPO francês desde o 67, podem ser propostos novos "objectos de culto literário", de entre os quais o que aqui vou apresentar.

Pola minha parte cheguei ao convencimento de que o poema global, ou globema, podia ser um sucesso inquestionável em resposta à pesquisa iniciada na consultoria Pena&Óculos, embora apresente algumas dificuldades que só se poderám manifestar após 4 ou 5 anos, no início do próximo século. Às mesmas conclusões chegou Madsen quanto à glovela.

Os primeiros globos, concluiu ele, serão recebidos de bom grau polos leitores que rapidamente vam perceber novas profundidades, adquirindo assim uma visom geral muito mais ampla da existência e das condições de vida. A emoçom será comparável à que

experimentou Colombo quando um bom dia teve um ovo entre as mãos. É fácil imaginar a sua excitação no momento em que, após uma ocorrência genial, inscreveu, a modo de rascunho, os mundos conhecidos sobre a sua superfície. O Colombo que até então tivera de conformar-se com as cartas náuticas planas com as suas margens abruptas!

(Outra coisa bem diferente, diz Madsen, é que a história do ovo de Colombo tenha sido logo malinterpretada e rudamente tergiversada).

No momento em que este primeiro globemário de signo matemático que remete para a esfera, e outros três que tinha previsto, fossem publicados, os livreiros e as bibliotecas começariam a dar a voz de alarme. Os globos seriam tomados como eminentes inovações, obras de arte significativas, cujo signo natural seria encontrar-se em qualquer biblioteca... Se houver lugar para eles. Porque os depósitos de livros ficariam bem cedo completamente ultrapassados pelas publicações do clube de leitores de novos globemas e ainda de glovelas, já que seria o relato breve ou novela a que mais crescimento iria ter, depois do natural nascimento no terreno poético, que hoje celebramos. E, nos respeitáveis lares literários, os pianos de cauda veriam-se semeados de esferas.

Nenguma tentativa de oferecer uma solução prática ao problema do depósito seria inteiramente satisfatória, concluiu o meu colega. É de prever que apareçam livros pequenos, para que possam ser inchados antes de iniciar a sua leitura. Ou que sejam equipados com uma corrente para poderem ser guardados um dentro do outro, de maneira a ter um globo base, com muitas capas por cima. Com isto, o que se encontra dentro de todos os demais, no interior dos outros globos, tornaria-se extremamente inacessível. Apareceriam dobráveis, para que, seguindo um desenho engenhoso, pudessem ser

comprimidos e colocados nas estantes ao lado dos livros planos de antigo. Contudo, acabaria por verificar-se que, ao receber este trato que lhes impinge vincos ou pregas antiestéticas e uns pontos débeis nas pregas, é como se perdessem uma dimensom.

Por esta razom deveriam aparecer os cartógrafos de livros que projectam os globos poéticos na forma habitual. Está claro que uma projecçom deste tipo poderá realizar-se de várias maneiras, e de facto devem aparecer defensores de métodos diferentes.

O problema, é claro, será maior nas glovelas. Enquanto um cartógrafo de livros será fiel à superfície, conservando o peso em proporções exactas entre as diversas descrições, haverá outro que será fiel à longitude, com o qual as personagens recebem a descriçom originalmente mesurada, mas entom estas nom aparecem relacionadas entre si do modo adequado. Também poderám ser fieis ao ângulo, conservando assim os pontos de vista, mas entom algumas relações de suma importância ficam desmembradas. Nos globemas estará a dificuldade tonal, os efeitos sonoros, as recorrências inerentes à linguagem poética que os diversos métodos modificam. E cada um dos métodos teria as suas vantagens e os seus inconvenientes, polo qual será impossível determinar categoricamente qual das formas de representaçom será a melhor.

Os problemas acabariam por ser tam grandes que globemários e glovelas, aproximadamente à volta do 2005, iriam eclodir num passadismo estridente que deixaria lugar a um novo salto qualitativo. A prospecçom da nossa Consultoria nom ultrapassou este limite temporal, nem entrou no novo campo, do mesmo modo que na minha pesquisa particular também fiquei nessas margens, salvo para advertir a previsível sorte final da inovaçom hoje lançada.

No 2005 desapareceriam sobretudo as glovelas da cena activa, pervivendo exemplares caros de obras notáveis, fabricados em

material elástico de mais longa duração. Estes exemplares guardariam-se com o mesmo fetichismo dos livros clássicos em casas e museus, nas estantes e sobre os pianos de cauda. Porque o progresso tecnológico vai permitir reproduzir mais precisa e nitidamente livros-planos e livros globo, até em virtual realidade tridimensional. O leitor poderá levar, por exemplo, para a cama ou para o banheiro, um pequeno aparelho tipo transistor que lhe permita projectar fisicamente, de forma plana ou esférica, só com letras ou com imagens, silenciosamente ou com som, a sua leitura preferida.

Os globemas voltarão, entom, à primitiva posição de fetichismo que no início atribuíra o informe da nossa Consultoria ao livro.

Postas assim as cousas, decidimos lançar a inovação apenas com carácter testemunhal, precedendo com este proémio ou síntese explicativa, na esperança de não ilusional inutilmente a população. Para não provocar falsas expectativas de novos postos de trabalho, numa situação sócio-económica delicada nos países da área (no que se refere a fabricantes de fibras elásticas, licenciados em filologia chamados a ser cartógrafos de livros, e livreiros e conservadores de museus), decidimos apresentar simbolicamente um exemplar de globema, com o resto do material literário projectado na forma mais convencional do livro plano.

O exemplar que se exhibe, elaborado artesanalmente e com apresentação esmerada e ainda sem inchar, será distribuído só por encomenda especial conjuntamente com o livro plano. É de uso privilegiado em sessões literárias em que a leitura se realiza em voz alta, sobretudo em locais em que se consomem bebidas. Como normalmente é necessária uma dose de álcool para vencer a natural inibição dos protagonistas, tal e como nos ensinou a praxe do movimento RONSELTZ (cocktel literário), recomenda-se que seja o próprio encarregado de ler o texto quem também inche o globema.

Assim, os músculos que vam intervir na leitura ficam purificados pola renovaçom continuada do ar, os vapores do álcool passam ao globema dando-lhe leveza apreciável (de modo a permitir mesmo que o globema paire entre o público assistente), e a cabeça do declamante entorpece-se um bocado por causa do esforço, com o qual a leitura fica libertada de influências mentais posteriores ao que está no texto do globema. Por outro lado, a leitura do poema global nestas condições permite que, quando já se lhe deu uma volta à esfera de leitura, se poda seguir lendo tranquilamente, dado que na seguinte volta a esfera conta algo novo. E o mesmo acontece na terceira volta. Para além do virtual uso desportivo do globema, que certo público culto sempre pode usufruir em períodos estivais de praia, e com carácter socializante.

O método tem grandes vantagens diante da exposiçom plana, mas será um fracasso parcial por razões de espaço e de moda. Por isso cremos honrado lançar tal "projecto ilusionante" com este relatório, na esperança de evitar na parte da humanidade interessada polos livros uma revoluçom em grande escala que deixe no 2005 as cousas mais ou menos como estavam a 15 de Julho de 1997.*

Consequentes com o exposto, o que temos diante é a projecçom de textos de forma esférica sobre um papel normal, um plano possível do poemário global. E esta a explicaçom acerca do título do Globemário, mesmo assim Oscilante e Nervado até na Galiza, esperançada em ser de utilidade à indústria editorial e à língua galega.

¶

*Data da leitura pública do presente texto, no *Tarasca* de Santiago de Compostela, ao tempo que se exhibia um exemplar de globema circulando entre o público.

o bolo congelado daquela primeira comunhão.

E esse posfácio esperançado,
como dobra a espinha de desesperança.

Na Galimária passam os anos e apenas
aprendemos do caranguejo. Como gostamos
da derrota, da miséria, que formosa a
fraqueza de povinho, que românticas!

Acredita: lamento mui sinceramente o circo
subsidiado em que circulará a tua poesia,
tam lepidóptero, que quererá transformar
o desprezo em virtude quando já será tarde;
e ainda isso duvido. Bem sabiam os cavalos
troianos que tinham cúmplices entre os
escandalizados onagros da cidade;
escandalizados pola palha e nom
pola cavalgada.

P.S.: Ah, poeta, incorrigível: passem
e vejam o atéu perante a fabulosa religiôm
pseudoboémia e pseudovanguardista,
que fala por igual a Susana e a Hermínia,
sem utilizar madeira troiana; acolhido a
Artábria, quando som ordens gerais serem
os poetas férreos alto-falados; esses pares
na poesia com o seu silêncio a cercear-che
o lugar, ex-cêntrico; grande engenheiro,
permite-nos ao menos saber que os poemas
que nos deste para mudar esta tarde som de ti
e que aí ficam para mudar as nossas tardes.
Sejas por isso amado.

Elias Torres Feijó

g d o g